



C A P Í T U L O 1 1

MAPEAMENTO DOS RÓTICOS¹

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.02725110911>

Marcio Favero Fiorin

Doutor em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória- ES, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9913871449747690>

Alexsandro Rodrigues Meireles

Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo, onde leciona disciplinas e desenvolve pesquisas na área de Linguística. Pós-doutor pela University of Southern California (2015), com bolsa CAPES, e pela Beuth Hochschule für Technik – Berlin (2019–2020)
<http://lattes.cnpq.br/9913871449747690>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, apresentamos um panorama dos estudos sobre os róticos no PB, especialmente ao contexto sociolinguístico, aos ambientes fonológicos e às variações que esses sons apresentam nas diferentes regiões do país (seção 2). Além disso, realizamos um mapeamento regional que sistematiza os principais resultados encontrados na literatura especializada, os quais servirão de subsídio para a análise dos dados.

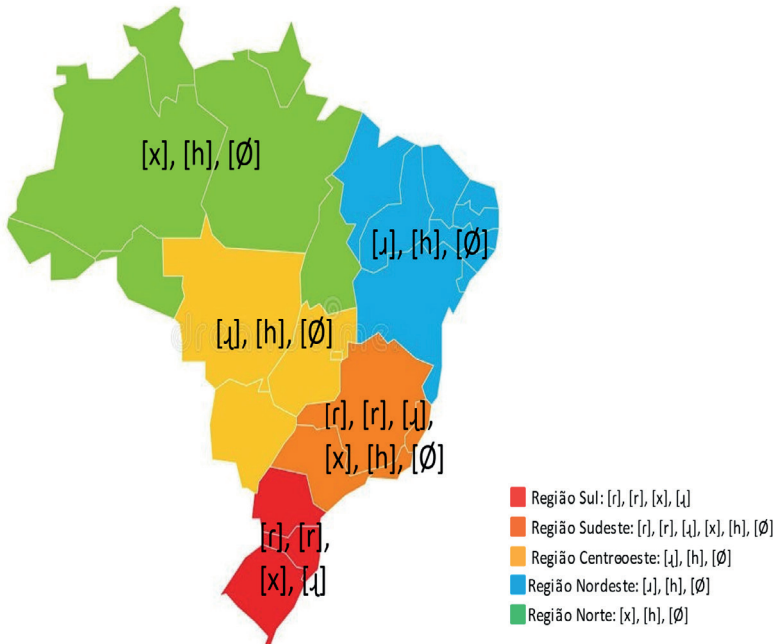
Com o objetivo de descrever as diferentes realizações dos róticos no Brasil, organizamos, nas subseções a seguir, uma revisão de estudos empíricos segundo a distribuição geográfica das pesquisas. Na Região Sul, destacam-se as contribuições de Brescancini e Monaretto (2009), bem como de Serra et al. (2018), que analisam a variação dos róticos em contextos urbanos e rurais, considerando fatores como escolaridade, faixa etária e mobilidade social. Na Região Sudeste, as pesquisas de Antunes (2014), Soriano (2016) e Carmo (2017) abordam a influência de variáveis

¹ Capítulo de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em 23 de outubro de 2025, como parte dos requisitos acadêmicos do curso

sociolinguísticas e fonológicas sobre a alternância entre os segmentos do fonema /r/ e variantes dialetais, além de discutirem questões relacionadas à identidade linguística e à estigmatização de determinadas realizações.

No Centro-Oeste, o estudo de Almeida e Kailer (2017) contribui com uma análise da variação rótica em comunidades urbanas emergentes, evidenciando os impactos da mobilidade populacional e da convergência dialetal. Na Região Nordeste, Alencar (2007) e Lima (2019) investigam a presença e a distribuição das variantes róticas em diferentes cidades, com ênfase na interferência do contato intergeracional e na pressão da norma-padrão escolar. Por fim, na Região Norte, Menezes e Silva (2017) descrevem o comportamento variável dos róticos em comunidades amazônicas, enfatizando aspectos socioculturais e fonológicos que contribuem para a manutenção ou substituição de determinadas variantes.

Esse levantamento permite observar a diversidade de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação dos róticos em todo o território nacional, servindo como base comparativa para a descrição e análise dos dados da comunidade investigada neste trabalho, como ilustramos no mapa abaixo.



Mapa 1: Levantamento das ocorrências dos róticos no Brasil

Fonte: Fiorin (2025)

O Mapa 1 apresenta um levantamento das róticos em todo território nacional. Nele podemos identificar uma distribuição entre formas conservadoras e inovadoras dos róticos, como mostraremos no levantamento descritivo por região. As conservadoras, como o tepe alveolar [r] e a vibrante múltipla [ʀ], são mais frequentes em regiões como o Sul e partes do Sudeste, áreas marcadas por uma maior influência de tradições fonética-fonológicas europeias, como da imigração italiana e alemã. Já as formas inovadoras, como a fricativa glotal [h], a fricativa velar [X] e o apagamento [Ø], predominam em regiões como o Nordeste, Norte e Centro-Oeste, onde se observa uma tendência mais marcada à simplificação articulatória, isto é, o processo de aspiração. E, por sua vez, a região Sudeste aparece como uma zona de transição e de grande diversidade, refletindo o contato entre diferentes padrões regionais e sociolinguísticos.

Tendo em vista as variantes do rótico com influência vêneta, na seção 3, abordaremos, especificamente, dois estudos nas comunidades da região Sul e Sudeste. Serão apresentadas as contribuições de Loriato (2020) e Guzzo (2024), que tratam dos impactos do Contato Linguístico na configuração fonética-fonológica dessas comunidades. A seguir, apresentaremos o levantamento geral das ocorrências dos róticos por regiões brasileiras, expondo pesquisas que dialoguem com a nossa.

LEVANTAMENTO DAS OCORRÊNCIAS POR REGIÕES BRASILEIRAS

Ao delinear o quadro da variação dos róticos no Brasil através do mapa 3, torna-se necessário apresentar as pesquisas mencionadas na introdução do capítulo nas cinco regiões brasileiras. Objetiva-se situar nossa análise dentro de um panorama nacional e evidenciar como o estudo da comunidade de Ibitiruí dialoga com tendências mais amplas observadas no cenário da variação de todo o país.

Região sul

As pesquisas de Brescancini e Monaretto (2009) e Oliveira, Santana, Xavier e Serra (2018) descreveram as ocorrências dos róticos nos estados do sul. A primeira analisa as entrevistas coletadas pelo projeto VARSUL², verificando as ocorrências das variáveis vibrantes tanto pelo grupo (fatores geográficos) quanto pela posição na sílaba. E, a segunda, do corpus do ALiB³, o processo de variação do rótico em coda silábica externa na classe morfológica dos verbos (*viajaR*, *cantoR*), visando analisar os condicionadores sociais que estão influenciando no processo de apagamento.

² O VARSUL (Variação Linguística Urbana no Sul do País) é um projeto constituído de amostras de 12 cidades do sul. Para mais detalhes, bem como outras informações sobre o projeto, acessar o site da instituição organizadora: <https://www.pucrs.br/fale/pos/varsul>

³ O ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) é um projeto de pesquisa de caráter nacional, sem fins lucrativos com vistas a descrever a realidade do português falado no território brasileiro de modo a sistematizar os comportamentos no Brasil em um atlas geral. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_Atlas_Lingu%C3%ADstico_do_Brasil Acesso em 04 jan 2024.

Brescancini e Monaretto (2009, p.52) chamam atenção para a variabilidade dos sons do fonema /r/, característica presente em outras línguas. Os autores apontam que no Brasil acontece “as realizações velar, uvular ou faríngea, utilizadas pela maioria dos falantes, e dental múltipla, pela minoria”, conforme aponta Câmara Jr. (1985, p. 35). Na fala sulista verificaram a existência de variantes realizadas na zona anterior da boca, como vibrantes e fricativas alveolares ou palato-alveolares, praticamente, inexistentes no restante do País, com exceção de São Paulo.

A região sul possui uma forte colônia alemã e italiana, e é uma zona fronteira com outros países da América do Sul, como o Uruguai e a Argentina. Esse contato gerou interferências nos róticos. A forte influência foi da colônia italiana, que no período da colonização vieram em maior número. O traço marcante dos descendentes italianos é a vibrante alveolar, o tepe ou a vibrante múltipla. Esse modo de articulação se manifesta no início das palavras e no final de sílabas na posição de coda.

Brescancini e Monaretto (2009) fizeram um mapeamento das principais cidades da região sul e notaram que questões de identidade, etnografia e posição na sílaba influenciaram no uso dos róticos. Para a coleta de dados, seguiram o modelo laboviano (2008[1972]) de estratificação social. Com base nos resultados gerados, delimitaram o seguinte cenário: no Rio Grande do Sul predomina as vibrantes e o tepe; em Santa Catarina, as vibrantes e a fricativa velar; e, no Paraná, as vibrantes e a retroflexa. As vibrantes alveolares predominam nos três estados.

A fricativa velar acontece por uma questão de identidade. O maior percentual é na capital catarinense, Florianópolis. Os catarinenses aspiram mais o erre para diferenciar a fala deles dos riograndenses, que produzem mais o tepe. Essa variante é como um marcador local.

A variante retroflexa é condicionada por questões etnográficas, sendo uma marca do dialeto caipira. Ocorre com predominância nos municípios do interior do Paraná, principalmente no norte, que fazem divisa com o estado de São Paulo, onde apresenta alto índice dessa variante. O município de Londrina é o que possui o maior número de ocorrências, de acordo com Monaretto (2000). Também, a posição da sílaba impacta no uso da retroflexa; o ambiente favorecedor é a coda silábica.

Serra, Santana, Oliveira e Xavier (2018) sinalizam para esse mesmo mapeamento. E verificaram que, assim como todo território nacional, está ocorrendo o avanço do apagamento do rótico, mesmo que em menor escala na região sul, análogo a outras. Sobre isso, falam que

O enfraquecimento do rótico e o avanço do apagamento estão diretamente relacionados a questões acústicas/articulatórias de produção (contraparte linguística) e sua distribuição regional (contraparte social): os maiores percentuais de manutenção do segmento em coda fina ocorrem preferencialmente nos dialetos em que a consoante se realiza como vibrante ápico-alveolar, e o apagamento, nos dialetos que possuem realizações mais posteriorizadas e fricativas. (p.337)

A justificativa está na mudança do ponto de articulação, em que a língua se desloca para a região posterior, próxima a úvula. Esse movimento interfere na fonte, isto é, na passagem do ar. Isso é reforçado pela pesquisa de Moneratto (2000), que ao investigar o comportamento do fonema /r/ nas capitais sulistas encontrou um percentual de apagamento de 40% em verbos e em posição pós-vocálica final, como em *cantaR* – *CantaØ* e *bebeR* – *bebeØ*.

Para explicar o enfraquecimento do rótico em verbos e na posição pós-vocálica final, Serra, Santana, Oliveira e Xavier (2018) analisaram amostras de fala espontânea do Projeto ALiB, gravados em áudio nos anos 2000 das três capitais do Sul (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba) e dos seis municípios interioranos (Santa Maria, Caçapava do Sul, Lages, Criciúma, Guarapuava e Campo Mourão). Entre as capitais os resultados mostraram que

Florianópolis é a que mais aplica a regra de apagamento do rótico em posição pós-vocálica seja em verbos, seja em não verbos, como aponta este estudo. Nessa categoria, apresenta inclusive um resultado (41% de apagamento) discrepante com relação às outras capitais – Curitiba (5%) e Porto Alegre (7%). As capitais se diferenciam também quanto ao tipo de variante mais realizada. Em Curitiba e em Porto Alegre, tanto na categoria de verbos quanto na de não verbos, a prevalência é de tepe. Já em Florianópolis, a vibrante ocorre em maior número (48%) apenas entre os verbos, apesar da concorrência com a fricativa velar (42%), que sobressai entre os não verbos para a capital catarinense (2018, p.360)

Já nas cidades interioranas o apagamento do rótico ainda está em estágio inicial, porém os pesquisadores ressaltaram que

“os percentuais de apagamento em verbos estão acima de 80%, em todos os municípios analisados, bem como os *input* elevados em todas as rodadas estatísticas mostram a preferência dos informantes pelo zero fonético em oposição à realização do segmento. Por outro lado, na coda final de não verbos, os índices de apagamento ainda se mostram menos expressivos, comprovando que o fenômeno de apagamento ainda se encontra em fase inicial.” (2018, p. 360)

O rótico está passando por um processo de mudança. Mesmo assim, a região sul se mantém na linha conservadora, predominando ainda o uso das vibrantes e fricativas alveolares.

Passemos para a descrição dos róticos na região sudeste.

Região Sudeste

A região sudeste apresenta diversidade dos róticos, devido ao contingente populacional e uma grande concentração de polos industriais e comerciais, que torna a circulação de pessoas intensa e frequente. Historicamente, foi habitada por povos originários (índios); pelos escravos africanos; por colônia de imigrantes (alemão, árabe, chinês, coreano, espanhol, italiano, japonês, português); e pelos próprios brasileiros de outras regiões, como os nordestinos que vieram em busca de melhores condições de trabalho – chamado êxodo rural⁴.

⁴ «Êxodo rural é o processo de migração de pessoas do campo para a cidade. Muitas causas podem ser associadas a ele, como a modernização da produção agrícola, a concentração fundiária, a busca por me-

Os estudos de Nascimento (2014), Soriano (2016) e Carmo (2017) dão um panorama geral das ocorrências dos róticos no Sudeste. Nascimento (2014), visa descrever as variantes do erre em posição de travamento de sílaba em três municípios do estado do Rio de Janeiro: Petrópolis, Itaperuna e Paraty. Por sua vez, Soriano (2016) analisou as características sociais dos ouvintes, bem como o significado social das variantes dos róticos no estado de São Paulo. E, Carmo (2017), investigou as ocorrências do fonema /r/ nas cidades mineiras de Itaguara e Itaúna, que são próximas, mas realizam a variante de modo diferente.

No Rio de Janeiro, o artigo de Melo (2014), intitulado *A variação linguística no âmbito fonético: os róticos na fala de três municípios fluminenses*, trata da variação dos róticos com base no seguinte argumento:

os fonemas s, r e l apresentam, em posição final de sílaba, variações significativas e prestam-se à caracterização dos dialetos regionais. A tendência expressa pelas variações dos fonemas parece ser já a observada em quase todas as línguas: a posteriorização do ponto de articulação da consoante, acompanhada de um processo de enfraquecimento e perda, se em final de palavra. (CALLOU e LEITE 2004, p. 43)

A autora entendeu que o processo de apagamento do rótico está acontecendo em todo território brasileiro; em alguns estados ainda está em fase inicial, em outros, como no Rio de Janeiro, está avançado e se direciona para uma mudança em progresso. Com base em trabalhos já realizados em terras fluminenses, verificou-se as seguintes produções do erre: tepe alveolar, fricativa velar, fricativas glotal e o zero – nesse estudo foram selecionadas como variáveis dependentes.

Para a coleta de dados, Melo (2014) entrevistou dezoito informantes nos três municípios supracitados, de acordo com sexo/gênero, faixa etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 55 anos em diante) e escolaridade (até o oitavo do ensino fundamental). A coleta foi feita em duas fases: a primeira, com base no Questionário Fonético-Fonológico do Projeto ALiB com 159 questões, das quais vinte e sete atendem ao foco desse estudo (/R/ em coda silábica); E, a segunda, em estudos semidirigidos que abrangem cinco questões destinadas a produções de textos orais espontâneos. Os resultados foram quantificados pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE E SMITH, 2005).

Após análise dos dados, Melo (2014, p.30) chegou as seguintes conclusões:

(i) o processo de variação e mudança dos róticos continua a expandir-se em território fluminense, possuindo altos percentuais para os dois últimos estágios: a glotalização e o cancelamento; (ii) as variáveis linguísticas se sobrepõem às não linguísticas na mudança de /R/. Mesmo assim, é possível, pela estratificação do corpus, que se controlem os grupos sociais típicos desse tipo de estudo e colocá-los, por vezes, em posição de favorecimento às regras postuladas; (iii) o apagamento, seja em posição interna ou externa ao vocábulo, mostra-se suscetível aos mesmos condicionamentos linguísticos, como o contexto antecedente ou o número de sílabas do vocábulo.

lhores condições de vida e melhores empregos». Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/exodo-rural.htm>. Acesso em 08 jan 2024.

A partir disso, é possível traçar uma “linha divisória” entre o Rio de Janeiro e os estados do sul e São Paulo, como fez Callou e Leite (2004) ao investigar as ocorrências dos róticos em cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife). Da linha para baixo (estados do sul e São Paulo), há um padrão conservador com o uso das vibrantes alveolares. Já da linha para cima (Rio de Janeiro e os demais estados), um comportamento inovador, predominando as fricativas aspiradas e o processo de apagamento mais avançado. Os dados de Melo (2014) corroboram para esse cenário, pois a glotalização e o cancelamento possuem altos índices na fala dos cariocas.

Em São Paulo, Soriano (2016) diz que a variante nula já está em contato com as demais, e o processo de apagamento ainda está no começo. O tepe e a retroflexa são as mais produtivas na fala dos paulistanos, como aponta Mendes (2010) e Oshiro (2015):

o tepe é a pronúncia mais frequente em todas as regiões da cidade, em todas as faixas etárias e graus de escolaridade, enquanto o retroflexo é favorecido por homens menos escolarizados, moradores de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica dentro de São Paulo e cujos pais não nasceram na cidade.

O fonema /r/ é índice de diferenciação dialetal no português brasileiro e em diferentes lugares adquire significações sociais. É o caso de São Paulo com relação as variantes tepe e retroflexa. Quem fala o tepe é de classe média alta, escolarizado e mora em um bairro nobre. E, a retroflexa, classe média baixa, menos escolarizado e de região periférica ou interior. Diante desse perfil, Soriano (2016) analisou diferenças acústicas entre cinco variantes do erre em coda: (i) vibrante com três “batidas” [r-3]; (ii) vibrante com duas “batidas” [r-2]; (iii) tepe (vibrante simples) [r]; (iv) aproximante alveolar [ɹ]; e (v) aproximante retroflexa [ɻ].

Para tanto, a pesquisadora criou um teste de percepção, levando em consideração a manifestação subjetiva de cada informante sobre determinada variante. Ela selecionou em um mesmo item lexical estímulos que contrastam duas variantes. Por exemplo, as palavras *carta* e *porta* pronunciadas com a vibrante de três batidas e, depois, com o retroflexo. Ela entrevistou 109 participantes e os dados foram gerados na plataforma R (R Core Team, 2016).

Para quantificação dos dados, distribuiu as variáveis em linguística e sociais. Nas linguísticas considerou a tonicidade da sílaba com /-r/ (átona ou tônica); vogal precedente (as sete vogais orais do PB); consoante seguinte (/t/ e /d/); e o par, que é o contraste entre as próprias variantes e inclui diferenças de modos de articulação (vibrantes e aproximantes), número de batidas da língua nos alvéolos (3, 2 e 1) e graus de retroflexão (aproximante e retroflexo). Já nas variáveis sociais, sexo/gênero, região de nascimento, local de residência, bem como as variantes que ele reconhece em sua própria fala. Os resultados mostraram que:

o retroflexo por um lado, e a vibrante 3, por outro, são as variantes de (-r) mais salientes em São Paulo, de um modo geral. Já o tepe e a vibrante 2 (quando comparadas às aproximantes) obtiveram o mesmo valor. As aproximantes alveolar e retroflexa se diferenciam quando comparadas ao tepe, mas não quando à vibrante três. As análises multivariadas revelaram que as variáveis positivamente correlacionadas à variação foram o Par e a Região de Nascimento, o Local de Residência, a Variante que o ele reconhece em sua própria Fala e o Sexo/Gênero (todas em interação com o Par). (SORIANO, 2016, p. 116-117)

Ou seja, os róticos variam de acordo as variáveis sociais (sexo/gênero, região de nascimento, local de residência na cidade). As mulheres consideraram o retroflexo mais diferente do tepe do que a aproximante alveolar. Os homens, por outro lado, não fizeram tal distinção; bem como os paulistanos que dizem pronunciá-las. Já os paulistanos, que reconhecem tanto aproximantes como vibrantes na própria fala, foram os que menos atribuíram diferenças fonéticas entre esses “tipos” de variantes e os que consideraram a vibrante 3 mais diferente do tepe. Outra questão importante, foi que a retroflexão assume um papel de marcador local, em que a pesquisadora usou o termo “grau de paulistanidade” para referenciar o avanço dessa variante.

A variante retroflexa, também, apresenta ocorrências em Minas Gerais. Nas cidades de Itaúna e Itaguara, que se localizam na região centro-oeste mineiro, o trabalho realizado por Carmo (2017) constatou algo curioso. As duas cidades, que são vizinhas, não compartilham a mesma produção do rótico. Em Itaguara, os moradores utilizam a fricativa glotal e, em Itaúna, o retroflexo. Naturalmente, por serem tão próximas, deveriam compartilhar os mesmos traços linguísticos, como ressalta Labov (2008 [1972]), ao afirmar que “língua e sociedade são indissociáveis”.

É nesta perspectiva laboviana, que Carmo (2017) procurou explicar a realização dos róticos em ambos municípios. Ela utilizou o modelo teórico-metodológico da *Teoria da Variação e Mudança Linguística*. Foram selecionados 20 informantes – 5 mulheres e 5 homens em cada uma das cidades – que responderam questões sobre o local e assuntos diversos, além de fazer uma narrativa oral. A gravação dos dados foi feita com a utilização de um gravador digital e a audição e transcrição através do software PRAAT.

Os resultados da pesquisa corroboraram com as ideias de Labov (2008[1972]), embora a situação de Itaúna e Itaguara fosse diferente. O que explica essa disparidade são os fatores de ordem social. O motivo de Itaguara produzir mais fricativa glotal é pelo fato de os moradores terem mais contato com a capital mineira, Belo Horizonte, como evidencia Carmo (2017, p.111):

Itaguara (MG) é uma cidade pequena, com poucos habitantes – 13.172 (IBGE 2015) – sem grandes recursos ou oportunidades para os mais jovens, principalmente. Não há, por exemplo, IES em Itaguara (MG), o que faz com que os jovens precisem deixar a cidade para construir suas carreiras profissionais. Em conversa com os moradores da cidade, percebe-se que o destino preferido dos itaguarenses tem sido a capital mineira, Belo Horizonte.

Na literatura da sociolinguística, os jovens, geralmente, são responsáveis pela mudança linguística, por inserir uma nova variante que entrará em competição com outra. Foi o caso de Itaguara. Mesmo tendo proximidade com Itaúna (57,5 Km), os jovens optaram por estudar na capital (97,2 km), onde a fricativa glotal predomina. Outra variante encontrada no município, com menos significância, foi a velar. Há registros dela, também, na região metropolitana de Minas Gerais.

Caso contrário ocorre em Itaúna que

é uma cidade de médio porte – sua população é estimada em 91.453 (dados do censo IBGE 2015) – e bastante autossuficiente, o que faz com que seus jovens (ou pelo menos a maioria deles, ao contrário do que acontece em Itaguara, MG) não precisem procurar outra cidade quando decidem investir em sua carreira profissional. A permanência dos jovens na cidade faz com que os traços linguísticos sejam preservados, principalmente os mais característicos. (CARMO, 2017, P.111)

Uma cidade autossuficiente, em que os jovens não precisam sair para estudar, preservando, assim, a variante retroflexa.

No Espírito Santo, não há ainda pesquisas sobre o fonema /r/. Mas, pelos trabalhos desenvolvidos, como o de Cominotti e Peres (2021), apontaram a presença do tepe e das fricativas glotais (vozeada e desvozeada). O tepe é o traço dos imigrantes europeus, principalmente da colônia italiana. E a fricativa glotal, que é a pronúncia não-marcada do capixaba, justifica-se por questões territoriais; o estado faz divisa com o Rio de Janeiro (ao sul), Minas Gerais (centro-oeste e noroeste) e Bahia (norte), onde há registros consideráveis dessa variante.

Desse modo, na região Sudeste, verifica-se a presença das vibrantes alveolares, o tepe e a vibrante múltipla (Espírito Santo e São Paulo); da retroflexa (Minas Gerais e São Paulo); da fricativa glotal (Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro); e da fricativa velar (Minas Gerais e Rio de Janeiro). Também, está acontecendo o processo de enfraquecimento do rótico, que foi citado nos estudos realizados nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Por fim, faz-se necessário este estudo descritivo dos róticos no Espírito Santo, com o objetivo de verificar se mantém um padrão do uso das variantes do erre com relação a outros estados da região Sudeste.

A seguir, um breve panorama da realização do fonema /r/ na região centro-oeste.

Região Centro-Oeste

O trabalho de Almeida e Kailer (2017) analisa o fonema /r/ na posição coda silábica no interior do estado de Goiás, nos municípios de Catalão, Aruanã, Porangatu, São Domingos, Jataí e Quirinópolis. E, procura identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar o uso da variante retroflexa nessas localidades.

Os autores iniciam o texto chamando atenção para os poucos estudos dos róticos na região centro-oeste, e que carece de uma descrição sistemática como já foi realizada entre outros estados. Essa ponderação se deu pela investigação de Almeida e Kailer (2015) em três capitais do Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás). Eles verificaram que em algumas localidades, principalmente, no Estado de Goiás, havia informantes que alternavam, as variantes retroflexa e glotal, mesmo possuindo ponto e modo de articulação bastante distantes.

Foi essa mudança nada convencional que motivou esse estudo. Foram entrevistados 12 homens e 12 mulheres nas seis cidades citadas, conforme o modelo de estratificação de dados proposto por Labov (2008[1972]). Os informantes foram inquiridos a um questionário dividido em três partes: Fonético – Fonológico (QFF), o Semântico Lexical (QSL) e o Morfossintático (QMS). A partir das respostas, separaram as entrevistas de acordo com o estilo da fala (menos ou mais monitorado). O programa utilizado para quantificação da amostragem foi o Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE E SMITH, 2005).

A discussão partiu do trabalho de Amaral (1955[1920]) e Nascentes (1953) que descreveram os róticos como uma marca dialetal – o erre caipira é um traço característico das cidades interior. Almeida e Kailer (2017, p.355) constataram que o retroflexo e a fricativa glotal são as mais produtivas entre as cidades investigadas.

A primeira (retroflexo) prevalece em São Domingos (78,2%), Jataí (69,7%), Porangatu (69,4%), Catalão (61,2%) e Aruanã (60,1%). A segunda (fricativa glotal), por sua vez, prevalece em Quirinópolis (67,2%). Em São Domingos a glotal (78,2%) coexiste com a variante tepe (14,6%), retroflexa (6,8%) e com a vibrante (0,5%). Já em Quirinópolis a retroflexa (67,2%) divide espaço com a glotal (25,2%) e com as variantes vibrante (1,5%) e tepe (6,1%).

Além das variantes retroflexa e glotal, coexiste o tepe e a vibrante múltipla em São Domingos e em Quirinópolis, apesar de estarem abaixo da neutralidade. A produção dessas variantes é explicada pela “origem da população que vieram de diferentes partes do país, como do nordeste e dos estados da região sul” (ALMEIDA E KAILER, 2017, p.359). E sobre a posição coda silábica (tanto no interior e final de palavras), a única cidade que não predomina a variante retroflexa é São Domingos, que majoritariamente ocorre a glotal.

Outras questões levantadas foram sobre a vitalidade da variante retroflexa e do processo de enfraquecimento do rótico. Quanto à variante retroflexa, Botassini (2012) diz que sofre estigma, principalmente, nos meios de comunicação e, por isso, segundo Amadeu Amaral (1955 [1920]), teria vida efêmera. No entanto, Almeida e Kailer (2017) observaram que em outras localidades, como no estado do Paraná, apresenta muita vitalidade, o que pode favorecer para um cenário de estabilização dessa variante.

Já com relação ao enfraquecimento dos róticos, ressaltam que acontece uma mudança no ponto de articulação, onde a língua se movimenta para a parte posterior da boca em direção a úvula. Os resultados revelaram que o ambiente favorecedor para o apagamento foi o de coda externa dos verbos, em situação de fala menos monitorada. Essa ocorrência é praticamente categórica e vai ao encontro do estudo de Moneratto (2000) ao descrever o fonema /r/ nas capitais sulistas.

A partir deste e de outros trabalhos desenvolvidos, observou-se que na região centro-oeste do Brasil apresenta as seguintes variantes dos róticos: retroflexa, fricativa glotal, tepe, vibrante múltipla e nula. As que possuem altos índices de frequência são a retroflexa e fricativa glotal. O tepe e a vibrante múltipla aparecem nesta região por influência das pessoas que vieram de outras regiões, como do nordeste e das cidades da região sul. É preciso realizar novos levantamento, pois é uma região que ainda foi pouco estudada.

Dando prosseguimento a esse mapeamento por região, abordaremos os róticos na região nordeste.

Região Nordeste

Os trabalhos de Alençar (2007) e Santos (2019) se destacam por fazer um levantamento geral dos róticos na região nordeste. O primeiro foi desenvolvido no estado do Ceará e, o segundo, em Alagoas. Ambos contribuíram para a descrição do ALib (Projeto Atlas Linguístico do Brasil), estabelecendo o estilo de fala do nordestino⁵.

Alençar (2007, p.15) inicia pontuando a questão da diversidade linguística que há no Brasil e um estigma em falar diferente:

“trata-se de uma crença ultrapassada, mas que se perpetua. Precisamos mudar esta visão, reconhecer que as pessoas falam de um modo diferente não, porque “erram”, mas porque empregam regras gramaticais próprias da sua variedade de língua, que todo falante nativo tem o direito de se expressar em sua língua materna e que precisamos dar vida e voz a nossa língua brasileira.”

Por muito tempo, criou-se um pré(conceito) sobre a língua portuguesa, considerando-a muito difícil. Todavia, entender que toda a língua varia e que cada sujeito a pronuncia de modo distinto, foi o ponto chave para descrever os róticos em Fortaleza. O erre é um marcador dialetal e faz parte da constituição do português Brasileiro.

Seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos da Fonética e da Fonologia, com abordagem da Dialetoлогия e da Sociolinguística Laboviana, foram entrevistados vinte e quatro pessoas em diferentes bairros da capital Fortaleza. No levantamento dos dados foram considerados oito fatores, sendo três sociais (faixa etária, grau de

⁵ Similar a este projeto, em nível regional, temos o “NURC, VARSUL, Censo, MFUL, PEUL, LUAL, PORCUFORT, VARPE, VALPB, Projeto da Gramática do Português Oral, que utilizam corpora, os mais variados, colhidos em diferentes regiões do país, possibilitando a realização de muitas pesquisas sobre diversos fenômenos de variação do português falado no Brasil.” (ALENCAR, 2007, p.75)

escolaridade e sexo) e cinco estruturais (tonicidade da sílaba que contém o fonema, dimensão do vocábulo, categoria gramatical, natureza do contexto fonológico precedente e natureza do contexto fonológico subsequente) que, posteriormente, foram distribuídos em quatro contextos para análise das variantes do fonema /r/ no falar fortalezense.

Para esse estudo, a pesquisadora considerou oito variantes linguísticas do erre: [r, ʀ, x, ʁ, ɻ, h, ñ, Ø], incluindo o apagamento. Os resultados mostraram que algumas variantes tiveram baixo índice ou não execução e, outras, apresentaram números significativos. A fricativa velar (desvozeada [x] e vozeada [ʁ]), e a retroflexa alveolar vozeada [ɻ] não foram produtivas, sendo que a retroflexa não teve nenhum registro (0%). Às demais, apareceram com relevância nos seguintes contextos, como expõe Alencar (2007, p.110):

a fricativa glotal (aspirada) [h], passível de ocorrer no início de sílaba, em posição pós-vocálica medial ou final de vocábulo diante de consoante desvozeada, em contraste com o [ʀ] entre vogais no interior da palavra, ou em pausa; a aspirada [h], em posição final de sílaba ou de vocábulo, diante de consoante vozeada; o tepe [ʀ], como segundo elemento no grupo consonantal ou em posição intervocálica, e o zero fonético [Ø].

O que mais chamou atenção nesse resultado foi o alto índice de enfraquecimento do rótico que, segundo a autora, está em estágio avançado na capital cearense. Os ambientes favoráveis foram a posição pós-vocálica final (cantar, canta[Ø]) e a pós-vocálica medial diante de fricativas (ma[h]cha, ma[Ø]cha). Aliás, é um fenômeno que já foi descrito em outras capitais nordestinas, como: Salvador e Recife, na pesquisa de Callou e Moraes (1995); e João Pessoa, na de Hora e Monaretto (2003).

Outra capital que realiza a variante nula é Maceió. Santos (2019), no intuito de descrever a variedade do português em Alagoas, observou as variantes do rótico na posição coda silábica. Além da capital, o *corpus* é constituído por informantes das cidades de Arapiraca, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares. No total foram entrevistados cento e quarenta e quatro (144) pessoas, que compuseram o banco de dados do Projeto Variação Linguística no Português Alagoano (PORTAL)⁶. As entrevistas foram analisadas à luz da Sociolinguística Variacionista, com auxílio do software Praat (Boersma & Weenink, 2007) e da plataforma R (R Core Team, 2016), com base no modelo de regressão multinível.

Inicialmente, os dados revelaram que:

⁶ “O banco de dados do Projeto PORTAL está composto por entrevistas realizadas com 420 informantes. Desse, 240 são integrantes do banco de dados “Alagoas”, no qual estão armazenadas as entrevistas realizadas com informantes de dez cidades (Arapiraca, Delmiro Gouveia, Palmeira dos Índios, Penedo, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres, União dos Palmares, Capela e São Miguel dos Campos), enquanto que 180 são integrantes do banco de dados da capital Maceió, em que estão armazenadas as entrevistas realizadas com informantes apenas da cidade de Maceió.” (Lima, 2019, p.40)

foram encontradas quatro realizações de /R/ em coda silábica: fricativa glotal [‘kahte] ‘carta’; apagamento [mine’vĩnu] ‘Minervino’; aproximante [‘kɔɰde]2 ‘corda’; tepe [‘turme] ‘turma’. Dessas, a variante com maior frequência de ocorrência, de modo geral, é a fricativa glotal [h], enquanto que o tepe [r] apresenta frequência muito baixa. A variante apagamento [ø], bem como a variante aproximante [ɰ], são significativas. Essa configuração da variação do /R/ na variedade de Português Brasileiro falada em Alagoas direcionou a nossa investigação no sentido de realizarmos duas análises distintas/separadas. Essa opção será mais bem apresentada adiante. (SANTOS, 2019, p.16)

A fricativa glotal, o tepe, a aproximante e o apagamento são as ocorrências que mais aparecem na fala dos alagoanos, sendo que a glotal é a mais produtiva. Sobre isso, Callou e Leite (2000) notaram que na língua portuguesa está acontecendo o mesmo com algumas línguas latinas, como o espanhol e italiano, o processo de posteriorização. O tepe estava sendo substituído pela fricativa glotal, como descrevem abaixo:

a substituição de vibrações apicais por vibrações uvulares e velares para a vibrante forte em português parece datar de fins do século passado [século XIX], pois já encontramos referências ao fato em Vianna (1973), que observa, inclusive, a sua mudança para fricativa. (2000, p.76)

Levando em consideração esse processo de mudança, Santos (2019) observou que as variantes do erre estavam seguindo uma direção até o apagamento. Em relação à variante zero [Ø], os resultados mostraram que

esta não ocorre antes de consoantes soantes. Das variáveis linguísticas analisadas, o contexto seguinte com a presença de traço [+contínuo] é o que mais influencia o processo, com 0.97 de peso relativo, contra 0.03 para o traço [-contínuo]. Nossos resultados corroboram os resultados de Callou, Serra e Cunha (2015) no que concerne ao ambiente seguinte e também com a afirmação de Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), sobre o apagamento ser condicionado pelo contexto fonológico seguinte, quando esse contexto é uma consoante fricativa.

Essa informação vai ao encontro de Alencar (2007), que aponta as posições pós-vocálica final e pós-vocálica medial diante de fricativas favorecedoras para o apagamento. Com a presença dessas ocorrências nos estados de Alagoas e Fortaleza, pode-se dizer que a variação entre a fricativa glotal e o apagamento é estável na região nordeste.

Outra variante identificada foi a aproximante, em que os dados de Santos (2019) revelaram que

se restringe à presença dos traços [+obstruinte, -contínuo] no contexto seguinte e, dentro desse recorte, é fortemente favorecido pela presença do traço [coronal], ou seja, oclusivas /t/ e /d/, com peso relativo de 0.83. Ademais, os dados revelam que a variante está passando por uma mudança linguística em progresso com tendência ao seu desaparecimento, ratificando-se, desse modo, os resultados de Santos (2010).

Mesmo sendo frequente, a aproximante está passando por um processo de desaparecimento e mudança em progresso. Isso se deve pelo processo de posteriorização, como mencionamos anteriormente. Santos (2019) conclui sua pesquisa, trazendo o seguinte mapeamento dos róticos em Alagoas:

i) a fricativa glotal [h] é a variante mais frequente no Estado, seguida pela variante apagamento [ø], com a variante aproximante [ɰ], variante identificada apenas no estudo de Santos (2010), ocorrendo de modo significativo, sendo o tepe [r], variante bastante estudada no português brasileiro, praticamente inexistente nos falares alagoanos; ii) a variante apagamento encontra-se em processo de variação estável; iii) a aproximante configurou-se como passando por um processo de mudança linguística, melhor dizendo, está entrando em declínio.

De modo geral, o nordeste brasileiro é uma região que apresenta variantes dos róticos inovadoras. As predominantes são as fricativas glotais (vozeada e desvozeada) e o apagamento, porém, a fricativa velar e a aproximante, também, aparecem na fala dos nordestinos. Na próxima subseção, verificamos a última região analisada, o Norte, observando se acontece o mesmo cenário que essa região.

Região Norte

A região norte do Brasil possui uma enorme diversidade linguística que ainda não foi totalmente descrita e necessita de um estudo sistemático para verificar as variantes linguísticas que estão em contato. A pesquisa de Menezes e Silva (2017) apresenta os róticos no estado do Tocantins, que foi emancipado, recentemente, a vinte e oito (28) anos. O estado passou por intensos fluxos migratórios de pessoas procedentes, principalmente, do Maranhão, do Piauí, da Bahia e do Pará. Dentre as cidades que receberam grandes levas migratórias, destaca-se Porto Nacional, Pedro Afonso e Natividade, fundadas ainda no antigo norte goiano e que se constituem como importantes polos históricos, formados tanto por pessoas autóctones quanto por migrantes procedentes de diferentes regiões.

O objetivo do trabalho é identificar e analisar os róticos em posição de coda silábica nas três principais cidades do estado: Porto Nacional, Pedro Afonso e Natividade. Para tanto, foram utilizadas entrevistas coletadas pelo Projeto “Atlas Linguístico Topodinâmico (pessoas nascidas em outras localidades, mas que tenham migrado para a região de pesquisa há mais de 10 anos) e Topoestático (pessoas nascidas na localidade e que permanecem até hoje lá) do Estado do Tocantins – ALITTETO⁷. Foram entrevistados 24 informantes, distribuídos por sexo (masculino e feminino) e idade (18 a 30 e 50 a 65 anos). Os informantes foram inqueridos a um questionário de 25 questões, das quais 14 verificam o rótico em coda medial e 11 em final de palavra.

Para análise, foram escolhidos cinco tipos de róticos comumente encontrados no português brasileiro: tepe [r], vibrante múltiplo [r], retroflexo [ɻ], glotal [h] e velar [x]; também verificamos o zero fonético ou apagamento da vibrante [Ø]. Os resultados apontaram que:

⁷ “É um projeto coordenado pela Prof.^a Dr^a. Greize Alves da Silva em 12 localidades do Tocantins.

o rótico preterido nas cidades de pesquisa são os fricativos, sobretudo os glotais. Quanto às demais variantes, observamos que sua produtividade encontra-se atrelada à diatopia, ou seja, cada localidade de pesquisa demonstrou índices variados, além da posição do fonema (coda interna ou coda externa).

Nas cidades de Pedro Afonso, Porto Nacional e Natividade, as fricativas glotais são as mais frequentes na posição coda silábica interna, representando 79,4%, 75,9% e 69,9%, respectivamente. Já na coda silábica externa, o apagamento é a forma mais produtiva, 70,3%, 75,6% e 84,5%. E, em uma situação inversa, a fricativa glotal não é significativa na coda silábica externa (28,3%, 24,3% e 14,2%) e, o apagamento, na coda silábica interna (12,1%, 5,6% e 3,5%).

Quanto às outras variantes, apresentaram baixos índices de frequência, não sendo tão significativas. A fricativa velar apresentou ocorrências nas três cidades analisadas, já o retroflexo e o tepe apenas nas cidades de Porto Nacional e Natividade. Em relação a essas duas últimas variantes, as ocorrências são explicadas pela presença de pessoas de outros estados da federação, como da região Centro-Oeste (CARDOSO, 2014).

Diante dos dados levantados, Menezes e Silva (2017, p.85) concluíram que: “A norma fonética quanto à utilização do rótico, em grande maioria as glotais, denota que as cidades da pesquisa apontam semelhanças linguísticas com os estados nortistas e nordestinos, distanciando-se do Centro-Oeste, do Sul e do Sudeste. Isto posto, é possível afirmar que as variantes dos róticos, na região norte mais produtivas são as fricativas glotais (vozeada e desvozeada) e o apagamento, assim como descrevemos na região Nordeste.

OCORRÊNCIAS COM INFLUÊNCIA DO VÊNETO

A língua vêneta, trazida ao Brasil por imigrantes italianos a partir da segunda metade do século XIX, constitui hoje um importante objeto de estudo dentro do campo da Sociolinguística e suas vertentes. Ao longo das décadas, especialmente em comunidades do sul e sudeste brasileiro, como as do Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o vêneta não apenas resistiu ao apagamento linguístico, como também apresentou formas híbridas, adaptadas à realidade brasileira. A seguir, abordaremos duas pesquisas acadêmicas recentes que se debruçaram sobre essa variedade linguística (nível interno e externo), relacionando-as à comunidade de Ibitiruí: Loriato (2020) e Guzzo (2024).

Loriato (2020)

A tese de doutorado defendida por Sarah Rodrigues Loriato (2020) na *Università degli Studi di Bergamo* é particularmente valiosa para compreendermos a complexidade da variação dos róticos em comunidades capixabas marcadas pela imigração italiana. Ela oferece um paralelo metodológico e teórico que dialoga

diretamente com a realidade de Ibitiruí, em Alfredo Chaves. Ao examinar a realização da /r/ inicial no vêneto de Santa Teresa, Loriato (2020) evidencia um ponto central para a análise sociolinguística: a resistência de determinados traços fonológicos em contextos de contato prolongado.

O fato de não haver evidências de mudança em curso que substitua a pronúncia tradicional [r] ou [r] pelo [h] ou por formas aspiradas mostra que, mesmo sob forte influência do português brasileiro – sobretudo nas gerações mais jovens –, o traço vêneto mantém-se como marcador de identidade comunitária. Além do rótico, Loriato também dedicou sua investigação à nasal velar [ŋ], constatando que esse segmento apresenta sinais de enfraquecimento articulatorio e de assimilação ao padrão fonológico do português, sobretudo nas gerações mais novas, ainda que tal mudança se encontre em estágio inicial e não seja generalizada.

Esse dado é crucial quando pensamos nos róticos em Alfredo Chaves, e mais especificamente em Ibitiruí, onde a vitalidade de variantes como o tepe alveolar [r] se articula a uma herança linguística transmitida intergeracionalmente. A literatura sobre contato linguístico e manutenção de traços fonológicos minoritários (Weinreich, 1953; Labov, 1972; Trudgill, 1986) indica que determinados sons podem assumir valor simbólico e funcionar como índices de pertencimento. No caso capixaba, o [r] inicial e intervocálico não apenas se mantém, mas adquire estatuto de “marca étnica”, funcionando como indício de italianidade, sobretudo quando contrastado com variantes regionais do português que privilegiam a aspiração ou a fricativa glotal [h]. Assim, o rótico alveolar, em vez de ser substituído, ressignifica-se no repertório dos falantes, reafirmando o seu valor identitário.

Em termos fonético-fonológicos, é interessante notar que o vêneto tradicional já favorece variantes alveolares, o que se coaduna com a preservação do tepe em posição inicial e medial entre descendentes no Espírito Santo. Enquanto no português brasileiro observamos grande variação da /r/ em posição inicial e em coda com possibilidades que vão do tepe [r] à fricativa [h] e até mesmo à elisão, nas comunidades de imigração italiana a pressão do contato não se manifesta de forma uniforme. O que se vê, ao contrário, é uma acomodação dialetal seletiva⁸, na qual a comunidade aceita certos processos de mudança (como o enfraquecimento da nasal velar [ŋ] observado por Loriato), mas resiste em outros, justamente aqueles que carregam maior pela marca afetiva.

Dessa forma, quando projetamos esse quadro sobre a realidade de Ibitiruí, percebemos que a vitalidade do tepe alveolar [r] não pode ser entendida apenas como uma questão de distribuição fonológica condicionada por fatores internos da

⁸ A acomodação dialetal é parte da Teoria da Acomodação da Comunicação (Speech Accommodation Theory / Communication Accommodation Theory), proposta por Howard Giles (1973, 1977). Ela sustenta que falantes tendem a convergir (aproximar-se) ou divergir (distanciar-se) linguisticamente de outros falantes como estratégia social.

língua, mas como um fenômeno profundamente atravessado por aspectos sociais e ideológicos. A escolha (consciente ou não) por manter a pronúncia alveolar pode ser interpretada como um ato de resistência simbólica, uma forma de sinalizar pertencimento étnico e diferenciação em relação a outras variedades do português falado no Espírito Santo, especialmente aquelas mais próximas do eixo fluminense, onde a aspiração do /r/ é majoritária.

Além disso, a comparação entre os achados de Loriato e a realidade de Ibitiruí ajuda a reforçar uma noção cara à Sociolinguística Variacionista: a mudança linguística não ocorre de maneira linear ou uniforme, mas é modulada por fatores socioculturais. Enquanto a nasal velar [ŋ] parece ser mais vulnerável à assimilação ao padrão do português, a manutenção do [r] alveolar indica que não basta haver contato para que a mudança se instale. É necessário considerar o valor social atribuído a cada variante. Nesse sentido, a persistência do [r] alveolar em Ibitiruí pode ser vista como continuidade de um padrão fonológico vênето que se consolidou como traço indexical, perpetuado não apenas pela herança linguística, mas também pela força simbólica que assume na construção da identidade local.

Complementando esta discussão, na próxima subseção, trataremos da pesquisa de Guzzo (2024) que aponta para uma reorganização da estrutura silábica entre as variantes com influência vênета.

Guzzo (2024)

Indo ao encontro de Loriato (2020), com uma abordagem mais formal, a pesquisa de Natália Brambatti Guzzo (2024), publicada na revista *Languages*, investiga as alternâncias do plural e a silabificação das consoantes finais no vênето brasileiro, com foco especial na estrutura fonológica de palavras masculinas terminadas em consoante. O estudo, conduzido a partir de dados coletados em comunidades de descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, revelou que, no plural, palavras terminadas em /r/ e /ŋ/ seguem um padrão regular, recebendo o sufixo -i (por exemplo, *bitfer* – *bitferi*), preservando assim a consoante final. Em contraste, palavras terminadas em laterais (/l/, por exemplo) apresentam uma supressão consonantal, de modo que a consoante é excluída no plural (*animal* – *anmai*), fenômeno raro nas variedades vênетas da Itália, mas recorrente no Brasil.

Guzzo interpreta esse comportamento a partir da Fonologia Gerativa, mostrando que consoantes como /r/ e /ŋ/ funcionam como coda silábica, enquanto laterais finais são realocadas como *onsets* de sílabas vazias. Essa reorganização da estrutura silábica revela não apenas um processo de adaptação interna da língua ao novo contexto sociolinguístico brasileiro, mas também um padrão fonológico coerente, com regras próprias que foram transmitidas intergeracionalmente.

Além do mérito descritivo, o trabalho de Guzzo dialoga com questões mais amplas sobre a manutenção e a mudança linguística em comunidades bilíngues, especialmente no que diz respeito ao impacto da língua majoritária, no caso o português brasileiro, sobre a estrutura interna da língua minoritária. A frequência elevada de padrões fonológicos inovadores no vêneto do Brasil, ausentes ou marginais nas variedades da Itália, sugere que o contato prolongado com o português não apenas introduz empréstimos lexicais e mudanças prosódicas, mas também pode remodelar aspectos centrais em outros níveis da língua, como morfofonológicos.

Essa constatação é particularmente relevante para estudos de contato linguístico porque reforça a ideia de que mudanças estruturais profundas podem ocorrer mesmo em comunidades com forte sentimento identitário e relativa continuidade intergeracional do uso da língua de herança. No caso do vêneto brasileiro, o padrão descrito por Guzzo aponta para um equilíbrio dinâmico entre conservação de traços históricos – como a preservação do /r/ e do /ŋ/ finais – e inovações que emergem como adaptações funcionais ao novo ecossistema linguístico. Ao registrar e analisar essas transformações, a pesquisa contribui não apenas para o mapeamento das variedades de vêneto no Brasil, mas também para a compreensão de como línguas minoritárias se reorganizam fonologicamente em contextos de bilinguismo prolongado.

Quando aproximamos esse quadro dos estudos sobre os róticos na comunidade de Ibitiruí, percebe-se uma convergência interessante: tanto o trabalho de Guzzo quanto as análises sociolinguísticas realizadas em Alfredo Chaves apontam os róticos como elemento estrutural resistente ao apagamento ou substituição. Se no Rio Grande do Sul os róticos finais preservam-se no plural como codas estáveis, em Ibitiruí o tepe alveolar [r] mantém-se como variante afetiva, mesmo diante da possibilidade de substituição pelo [h] glotal, típico de variedades regionais do PB. Em ambos os casos, observa-se que a consoante rótica desempenha um papel estrutural e simbólico: ela se mantém como parte da gramática fonológica do vêneto brasileiro (no plural, segundo Guzzo) e, simultaneamente, como índice de italianidade na fala híbrida de comunidades capixabas (no uso do [r] em oposição à aspiração glotal [h]).

Assim, a interlocução entre os dois contextos – o vêneto sul-rio-grandense descrito por Guzzo e o vêneto capixaba em contato com o português em Ibitiruí – mostra que o /r/ ocupa uma posição privilegiada na gramática das comunidades de descendentes de imigrantes italianos no Brasil. Ele resiste como unidade estrutural e como marca identitária, revelando que a estrutura fonética-fonológica não pode ser entendida isoladamente, mas deve ser interpretada à luz de fatores culturais, históricos e sociais.

As pesquisas de Loriato (2020) e Guzzo (2024) aqui discutidas, ainda que com enfoques distintos – uma mais voltada à variação condicionada por fatores sociais, outra à estrutura fonológica formal –, se complementam e revelam a riqueza e complexidade do vêneto falado no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas ao longo deste capítulo da tese de Doutorado evidenciam que a variação dos róticos no PB constitui um fenômeno complexo, condicionado por fatores fonético-fonológicos, sociolinguísticos e históricos. O levantamento por regiões mostrou que não há um padrão homogêneo no território nacional, mas sim uma distribuição gradual entre variantes consideradas mais conservadoras – como o tepe alveolar [r] e a vibrante múltipla [r] – e variantes inovadoras – como as fricativas glotais [h], velares [x] e o apagamento [Ø]. Essa diversidade confirma que o fonema /r/ é um dos segmentos mais sensíveis à variação e à mudança no PB, funcionando como importante marcador dialetal e social.

O mapeamento regional permitiu ainda observar que o avanço do enfraquecimento do rótico e do apagamento não ocorre de forma uniforme. Regiões como o Norte e o Nordeste apresentam índices elevados de fricativização e elisão, enquanto o Sul e partes do Sudeste mantêm, em maior medida, realizações alveolares, ainda que já se observe a expansão de variantes posteriorizadas. Esses resultados corroboram estudos clássicos da Sociolinguística Variacionista, ao demonstrarem que mudanças fonológicas se propagam de modo gradual, sensível à mobilidade populacional, ao contato interdialeto e às pressões exercidas pela norma-padrão e pelos centros urbanos de prestígio.

No que se refere ao contato linguístico com o vêneto, as pesquisas de Loriato (2020) e Guzzo (2024) revelam que os róticos ocupam uma posição privilegiada na gramática das comunidades de descendentes de imigrantes italianos no Brasil. A manutenção do tepe alveolar [r] e da vibrante múltipla [r], mesmo diante da forte presença de variantes aspiradas no português brasileiro, aponta para o valor simbólico e identitário desses segmentos. Em comunidades como Ibitiruí, tais realizações não podem ser interpretadas apenas como reflexos de condicionamentos estruturais, mas como marcas de pertencimento étnico e de continuidade intergeracional, evidenciando um processo de acomodação dialetal seletiva.

Dessa forma, este capítulo oferece uma base teórica e empírica fundamental para a análise dos dados da comunidade investigada na pesquisa no caso Ibitiruí em Alfredo Chaves/ES, situando-a em um panorama mais amplo da variação dos róticos no Brasil. Ao articular descrição regional, teoria sociolinguística e estudos de contato linguístico, reforça-se a ideia de que a variação fonética não é apenas um fenômeno linguístico, mas também social e histórico.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria do Socorro Silva de. *O comportamento variável do fonema /R/ na fala de Fortaleza*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ALMEIDA, Geraldo José Rodrigues de; KAILER, Diógenes. Variação do rótico em coda silábica no interior de Goiás. *Revista da ABRALIN*, v. 16, n. 2, p. 349–372, 2017.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1955 [1920].

ANTUNES, Fábio. *Variação fonética do /r/ em posição de coda no português brasileiro*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Variação dos róticos no sul do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 47–72, 2009.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. O /r/ em final de sílaba no português do Brasil. In: CASTILHO, Ataliba T. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 41–64.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de. O rótico em posição de coda no português brasileiro. *DELTA*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 169–190, 1995.

CALLOU, Dinah; SERRA, Carolina; CUNHA, Cláudia. Apagamento do rótico em posição de coda no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 2, p. 329–356, 2015.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): fundamentos e perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2014.

CARMO, Michelle Silva do. *A variação do rótico em Itaúna e Itaguara (MG): uma análise sociolinguística*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

COMINOTTI, Daiane; PERES, Sidnei. Aspectos fonéticos do português capixaba: um estudo preliminar. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 21, n. 3, p. 789–810, 2021.

GUZZO, Natália Brambatti. Plural alternations and syllabification of final consonants in Brazilian Veneto. *Languages*, Basel, v. 9, n. 1, p. 1–20, 2024.

HORA, Dermeval da; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. O comportamento do rótico no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, n. 59, p. 43–68, 2003.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliana; CARDOSO, Suzana. Apagamento do rótico em posição de coda. *Revista da ABRALIN*, v. 9, n. 2, p. 173–198, 2010.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, Maria do Carmo. *Variação do rótico no português nordestino*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

LORIATO, Sarah Rodrigues. *Aspetti fonetici e fonologici del veneto di Santa Teresa (Espírito Santo, Brasile)*. 2020. Tesi di Dottorato (Dottorato di Ricerca in Lingue, Letterature e Culture Straniere) – Università degli Studi di Bergamo, Bergamo, 2020.

MELO, Andréa Silva de. A variação linguística no âmbito fonético: os róticos na fala de três municípios fluminenses. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n. 1, p. 19–45, 2014.

MENDES, Ronald Beline. Avaliação social das variantes do /r/ em São Paulo. *Revista da ABRALIN*, v. 9, n. 1, p. 73–102, 2010.

MENEZES, Luciana; SILVA, Edilene. O rótico em coda silábica no português do Tocantins. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 46, n. 1, p. 63–88, 2017.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. *O comportamento do fonema /r/ em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba*. 2000. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASCIMENTO, Juliana. *O rótico em coda silábica no estado do Rio de Janeiro*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

OSHIRO, Livia. *A variação do /r/ em São Paulo*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Eliane Pereira dos. *Variação do rótico em coda silábica no português alagoano*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

SERRA, Carolina; SANTANA, Joyce; OLIVEIRA, Adriana; XAVIER, Rosângela. Apagamento do rótico em coda silábica no sul do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 1, p. 331–365, 2018.

SORIANO, Aline. *Significado social das variantes do rótico em São Paulo*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TRUDGILL, Peter. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.